

Título: Neo-Realismo e Infância – Cadernos Nova Síntese

Responsável: António Mota Redol
Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo
R. Alves Redol, 45 2600-099 Vila Franca de Xira

Coordenação: Carina Infante do Carmo, Violante F. Magalhães

Capa: Catarina Redol

Edição: Edições Colibri

Impressão: Colibri Artes Gráficas, Lda.

ISBN 978-989-689-839-7

Depósito legal n.º 452 540/19

Preço – 15,00 €

Lisboa, março de 2019



Financiamento desta publicação: 36% CEC-FCT, 64% APMNR

ÍNDICE

Nota da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo	9
APRESENTAÇÃO	
Carina Infante do Carmo e Violante F. Magalhães	11
A ‘INFÂNCIA’ DO NEORREALISMO PORTUGUÊS	
António Pedro Pita	15
FIGURAÇÕES DA CRIANÇA NA LITERATURA NEO-REALISTA	
A invenção de ‘menino’ em Soeiro Pereira Gomes	
Giovanni Ricciardi	41
Infância, experiência e transformação em <i>Fanga</i> , de Alves Redol	
Maria Graciete Besse	51
Histórias ‘de proveito e exemplo’ em representações da infância de Manuel da Fonseca	
Ana Ribeiro	61
Ética e memória: A infância na obra poética de Manuel da Fonseca	
Manuel G. Simões	75
Imagens da infância nos poetas do “Novo Cancioneiro”	
Fernando J. B. Martinho	83
Carlos de Oliveira – O que sabem as crianças?	
Paula Morão	93
De pequenino se torce o destino: Os meninos que choram na estrada na obra de Fernando Namora	
Fernando Batista	107
<i>Malta Brava</i> , de Alexandre Cabral: Repressão, fuga, evasão	
Serafina Martins	125

José Gomes Ferreira: A infância segundo um <i>neon-realista</i> Carina Infante do Carmo	137
Ilse Losa – Uma escritora que veio de longe: representações interculturais na obra <i>O Mundo Em Que Vivi</i> Ana Isabel Marques	155
Vergílio Ferreira: ‘Da infância como método’ Isabel Cristina Rodrigues	167
Miguel Hernández y el Neo-Realismo portugués: La infancia en la literatura del compromiso Antonia María Mora Luna	181
LITERATURA NEO-REALISTA PARA A INFÂNCIA	
Sidónio Muralha e as crianças de Abril Rui Marques Veloso	199
A escrita de Alves Redol para crianças: ‘sementinha’ de uma educação literária Violante F. Magalhães	211
Recriações visuais e gráficas da série “Maria Flor” de Alves Redol: Notas sobre a história do livro ilustrado em Portugal Ana Margarida Ramos	227
Papiniano Carlos e a sua escrita para a infância no contexto do Neo-Realismo português José António Gomes	243
Lembrando Manuel Ferreira e o seu <i>O Sandinó e o Corá</i> Glória Bastos	263
<i>As Aventuras de João Sem Medo</i> , de José Gomes Ferreira: Do lúdico ao interventivo Fernando Azevedo	271
Ilse Losa e o compromisso neorrealista Ana Cristina Vasconcelos de Macedo	277

«Contigo, sei escutar a música mágica do mundo»: A influência neo-realista na obra para a infância de Matilde Rosa Araújo Sara Reis da Silva	287
SOCIEDADE E INFÂNCIA NOS TEMPOS DO NEO-REALISMO	
A imagem da criança nos discursos políticos dos primeiros tempos do Estado Novo (1934-1948) Áurea Adão	299
O lúdico como afirmação e resistência de moços «que nunca foram meninos» João Amado	325
Infância e Saúde Pública no Estado Novo Óscar Ferreira	339
Associação Feminina Portuguesa para a Paz Lúcia Serralheiro	351
Educação e desigualdades sociais em Portugal desde meados do século XX David Tavares	367
(RE)APRENDER A VER – NOTAS SOBRE O CICLO DE CINEMA “INFÂNCIA E REALISMOS”	
Pedro Florêncio	379

APRESENTAÇÃO

O presente volume, inserido na Coleção Cadernos Nova Síntese, é a sequência de um projecto de maior fôlego: a Exposição temporária “Miúdos, a vida às mãos cheias – A infância do Neo-Realismo português”, com curadoria de Carina Infante do Carmo e Violante F. Magalhães, que esteve patente no Museu do Neo-Realismo, Vila Franca de Xira, entre 14 de Dezembro de 2017 e 30 de Setembro de 2018. Este projecto teve por principal objectivo pensar e ilustrar como o estrato etário infantil mereceu a atenção continuada e multidisciplinar dos neo-realistas¹.

A Exposição deu azo a um Programa de actividades paralelas que a acompanhou e animou ao longo dos meses: colóquios, mesas redondas, palestras, apresentação de livros, leituras encenadas, recitais de coros e o ciclo de cinema “Infância e Realismos”, concebido por Pedro Florêncio. Este Programa contou com o apoio, entre outros, do Museu do Neo-Realismo, do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, da Associação Promotora do Museu do Neo-Realismo. Esta última entidade, na pessoa do engenheiro António Mota Redol, gentilmente cedeu as páginas da Coleção Cadernos Nova Síntese para a presente publicação, na qual se reúne a maior parte das comunicações e conferências apresentadas².

O *leitmotiv* deste Caderno é, pois, a infância na criação artística e no pensamento neo-realista, incluindo o contexto histórico. Desde cedo que há uma reflexão sobre a infância neste Movimento, nomeadamente por parte de Bento de Jesus Caraça, e em obras literárias dos neo-realistas, para adultos. Nesta literatura, a criança é o emblema de uma sociedade muito desigual e castradora, mas também da capacidade humana para a aventura e o sonho. As obras para crianças foram mais tardias, já que ganharam *élan* nas décadas de 1950-60, beneficiando de estruturas editoriais mais sólidas, da consagração dos autores e das obras dentro do campo literário, e até da abertura discretíssima dos manuais escolares.

¹ Da Exposição resultou um *Catálogo* homónimo que inclui textos sobre os principais temas. São textos de Justino Magalhães sobre educação, de Carina Infante do Carmo e Violante F. Magalhães sobre ficção narrativa e poesia, de Miguel Falcão sobre teatro, de Luísa Duarte Santos sobre pintura, escultura, gravura e arte pública, de Sofia de Sousa Vieira e Sérgio Azevedo sobre a música de Francine Benoît e de Fernando Lopes-Graça, respectivamente.

² Na grafia dos textos (que seguem ou não o AO90), respeitou-se a vontade dos autores.

Num jogo com o subtítulo da Exposição, “A infância do Neo-Realismo”, quisemos que os textos que agora se publicam e os estudos de caso a que reportam tivessem sustento num conceito amplo e problematizador do Neo-Realismo. Tal abrangência assenta no pressuposto de que a opção estética deste Movimento pelo realismo não se traduziu num exercício estanque, monolítico e reproduzidor de um programa prévio mas naquilo que, no artigo inaugural, António Pedro Pita designa como «práticas de recusa e expetativa». Como defende este ensaísta: «Haverá no realismo, assim entendido, possibilidades desconhecidas até à sua explicitação e a pertinência desta explicitação nunca poderá ser avaliada (ou planeada) *a priori*». Assim sendo, afirmamos (e o conjunto de artigos é prova disso mesmo) que também as crianças deram mote aos neo-realistas para buscarem condições e dispositivos literários e artísticos para renovar e projectar a sua oficina e, deste modo, reivindicarem para esta uma dimensão política de resistência e uma pulsão emancipatória.

Os demais artigos aqui reunidos estão distribuídos em capítulos. À literatura, com destinatário adulto ou infantil, reportam os capítulos intitulados “Figurações da criança na literatura neo-realista” e “Literatura neo-realista para a infância”³. Nestes dois capítulos, a sequência de ensaios segue a linha do tempo. Abre, respectivamente, com as referências pioneiras de Soeiro Pereira Gomes, em *Esteiros* (1941), e de Sidónio Muralha, em *Bichos, Bichinhos e Bicharocos* (1949), volume ilustrado por Júlio Pomar e musicado por Francine Benoît. Num conjunto e noutra, poesia, romances, contos e outras narrativas permitem alargar sucessivamente o campo neo-realista como esferas concêntricas. Evolui-se do núcleo central do Movimento, onde não se perde a singularidade de cada voz estudada (Alves Redol, Manuel da Fonseca, Carlos de Oliveira, Fernando Namora, Papiniano Carlos, Alexandre Cabral, Manuel Ferreira), para autores afins, companheiros de projectos ou herdeiros (José Gomes Ferreira, Ilse Losa, Matilde Rosa Araújo). Inclusive não se esquece Vergílio Ferreira, para quem as primícias neo-realistas foram um ponto de partida para a sua maturação de escritor.

Um terceiro capítulo reúne ensaios sobre o tema “Sociedade e infância nos tempos do Neo-Realismo”. Aqui a óptica das Ciências Sociais e Humanas permite interrogar as obras e os autores a partir de um ângulo mais sócio-histórico, desde logo na relação com o discurso hegemónico do salazarismo sobre a infância. Tal relação determinou um pensamento e uma acção políticos muito orientados, tendo originado um investimento simbólico e organizacional particularmente determinante e repressivo na escola e nas organizações destinadas à infância e juventude. No contraponto, emergiram

organizações cívicas de estrutura unitária, como a Associação Feminina Portuguesa para a Paz, com empenho de mediar a reflexão sobre a infância nas mais diversas áreas, nomeadamente na do trabalho artístico para crianças, integrando, em grande medida, a órbita neo-realista. Também, entre finais da década de 1930 e o término da década de 1950, as temáticas da saúde pública, em particular da saúde infantil, ecoam, em função das circunstâncias, na composição ficcional de obras do Neo-Realismo português, designadamente *Esteiros*, *Gaibéus*, *Avieiros* ou *Retalhos da Vida de Um Médico*. Qual metáfora da vida social, suas divisões e conflitos, em alguns destes títulos, bem assim como em *Fanga*, *Vagão «J»* e *Constantino*, *Guardador de Vacas* e de *Sonhos*, há lugar para a actividade lúdica infantil, suas brincadeiras, jogos e relação com brinquedos.

No conjunto de capítulos em presença sobressai ainda um viés comparatista que faz a ponte entre uma escrita de compromisso em *Esteiros* e a escrita do espanhol Miguel Hernández. Em paralelo, avança uma interpretação trans-histórica que traz a matéria neo-realista para perto de nós, ao comprovar que as desigualdades sociais dos anos 50 se prolongaram pelas décadas seguintes. O mérito literário da obra redoliana para a infância fica comprovado, por um lado e entre outros aspectos, pela recepção nos *currícula* do Ensino Básico, desde o tempo da sua publicação até hoje, com enorme valia na educação literária dos alunos; por outro, pelo diálogo estabelecido entre o texto e as ilustrações da Série “A Flor”, na edição original e na edição mais recente, já deste século.

Numa outra forma de pôr em perspectiva e diálogo a criação artística do Neo-Realismo com o tema e/ou destinatário infantil, um último artigo aborda o realismo e a figuração da infância em cinema, consagrando a perspectiva interdisciplinar e transdiscursiva que norteou o Ciclo de cinema paralelo à Exposição “Miúdos, a vida às mãos cheias – A infância do Neo-Realismo português”.

Por todas estas razões se confirmam, desde a sua génese, a força e a presença do Neo-Realismo nas artes portuguesas contemporâneas. Eis por que repercutem com tanta força as palavras que fecham o ensaio de António Pedro Pita, sob inspiração de Giorgio Agamben: «a origem não está situada apenas num passado cronológico [...] ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste».

Carina Infante do Carmo
Violante F. Magalhães

³ Coube ao Catálogo da Exposição recolher estudos panorâmicos sobre artes plásticas e música, além da literatura.